



Revista História da Educação

ISSN: 1414-3518

rhe.asphe@gmail.com

Associação Sul-Rio-Grandense de
Pesquisadores em História da Educação
Brasil

CRISTINA ARAGÃO, MILENA; KREUTZ, LÚCIO
REPRESENTAÇÕES ACERCA DA MULHER-PROFESSORA: ENTRE RELATOS HISTÓRICOS E
DISCURSOS ATUAIS

Revista História da Educação, vol. 15, núm. 34, mayo-agosto, 2011, pp. 106-122

Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321627141007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

REPRESENTAÇÕES ACERCA DA MULHER-PROFESSORA: ENTRE RELATOS HISTÓRICOS E DISCURSOS ATUAIS

Milena Cristina Aragão

Faculdade Estácio de Sá, Brasil

Lúcio Kreutz

Universidade de Caxias do Sul, Brasil



Resumo

O presente estudo investigou a relação entre as representações construídas historicamente acerca do papel docente feminino, com discursos de professoras na atualidade, a fim de examinar suas decorrências na construção da identidade docente. Para tanto, foi realizado um garimpo nas representações presentes em atas e periódicos da primeira escola Normal de Caxias do Sul/RS, inaugurada em 1930. Em seguida, tais discursos foram relacionados às narrativas de docentes na atualidade, problematizando permanências e mudanças. Os resultados evidenciaram forte vínculo entre os discursos históricos e contemporâneos, fazendo menção à educação como vocação associada à maternidade. A comunicação foi concluída com uma reflexão acerca das possíveis repercussões destas representações no ser e agir docente.

Palavras chave: história da educação, feminização do magistério, representações, discursos.

REPRESENTATIONS OF THE FEMALE TEACHER: BETWEEN HISTORICAL REPOSRTS AND NOWADAYS SPEECHES

Abstract

The present study investigated the relation between representations historically constructed about the role of female teachers, with teachers speeches nowadays, examining its consequences in the construction of teacher identity. This research was conducted in a mining representations present in the minutes

and journals of the first Normal School of Caxias do Sul/RS, which was inaugurated in 1930. Then such statements were related to narratives of teachers today, discussing continuities and changes. The results showed a strong link between the historical and contemporary speeches, referring to education as a vocation related to motherhood. The communication was concluded with a discussion concerning the possible consequences of these representations in the pedagogical practice.

Keywords: history of education, female teacher, cultural representations, speeches.

REPRESENTACIONES DE LAS MAESTRAS: ENTRE LOS RELATOS HISTÓRICOS Y LOS DISCURSOS ACTUALES

Resumen

El presente estudio investigó la relación entre las representaciones construidas históricamente sobre el papel de las maestras, con los discursos de las maestras de hoy, para examinar sus consecuencias en la construcción de la identidad docente. Esta investigación se llevó a cabo en un representaciones mineras presentes en las actas y revistas de la primera Escuela Normal de Caxias do Sul/RS, que abrió sus puertas en 1930. A continuación, estas declaraciones se relacionan con las narrativas de los profesores de hoy, hablando de continuidades y cambios. Los resultados mostraron una estrecha relación entre los discursos históricos y contemporáneos, en referencia a la educación como una vocación relacionados con la maternidad. La comunicación concluye con una discusión sobre las posibles consecuencias de estas representaciones en la práctica pedagógica.

Palabras clave: historia de la educación, las maestras, las representaciones, los discursos.

REPRÉSENTATIONS SUR LES FEMMES ENSEIGNANT: ENTRE LES COMPTES HISTORIQUES ET LES DISCOURS ACTUELS

Resumé

Le présente étude a examine la relation entre les représentations construites historiquement sur le rôle des enseignants de sexe féminin, avec des discours par les enseignants d'aujourd'hui, d'examiner ses conséquences dans la construction de l'identité des enseignants. Cette recherche a été menée dans une exploitation minière présente des observations au procès-verbal et les revues de la première école normale de Caxias do Sul/RS, qui a ouvert en 1930. Puis de telles déclarations étaient liés à des récits des enseignants d'aujourd'hui, de discuter des continuités et des changements. Les résultats ont montré un lien étroit entre les discours historiques et contemporaines, se référant à l'éducation comme une vocation liée à la maternité. La communication conclut par une discussion sur les conséquences éventuelles de ces représentations em pratique pédagogique.

Mots-clés: histoire de l'éducation, enseignante, représentations, discours.

Representar: fazer presente um ausente

Conforme Pesavento (2008), em todas as épocas nós, enquanto sujeitos e construtores de nossa história, elaboramos formas de explicar, expressar e traduzir coletivamente a realidade, mas construímos também formas de representar esta realidade, a fim de dar sentido ao mundo, gerando condutas e práticas sociais, as quais são expressas, entre outros exemplos, na forma de mitos, religiões, imagens, instituições e discursos. Para Pesavento (1995),

todo fato histórico - e, como tal, fato passado - têm uma existência lingüística, embora o seu referente (o real) seja exterior ao discurso. Entretanto, o passado já nos chega enquanto discurso, uma vez que não é possível restaurar o já vivido em sua integridade. Neste sentido, tentar reconstituir o real é reimaginar o imaginado, e caberia indagar se os historiadores, no seu resgate do passado, podem chegar a algo que não seja uma representação (p. 17).

Partindo desta reflexão, só conseguirei acessar as mulheres-professoras de outrora penetrando nos discursos difundidos sobre seu ser e agir. E como o “discurso aparece ao longo de uma cadeia de textos, e como forma de conduta, em um conjunto de locais institucionais da sociedade” (Hall apud Wortmamm, 2002, p.85), invado também sua forma de ação e expressão num dado tempo cultural, me proporcionando conhecer o ausente e trazê-lo para o presente.

Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A idéia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença. (Pesavento, 2008, p. 40)

Almejo, portanto, presentificar aquela mulher-professora residente na história, investigando sua vida, seu contexto, seu trabalho e apresentá-la a mulher-professora hoje, oportunizando um diálogo entre ambas, a fim de balizar similaridades, diferenças e discutir as possíveis repercussões

desta relação na construção da identidade docente e na prática pedagógica.

Mulher, educação e docência: percursos históricos

A presença da mulher no cenário escolar ocorreu tardiamente na história da educação brasileira. Desde o período Colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos.

Somente na segunda década do século 19 foi decretada a abertura de escolas para meninas e, na terceira década do mesmo século, é inaugurada a primeira escola Normal do Brasil, em Niterói/RJ. Tais institutos formadores tinham como função formar professores primários e eram destinados tanto a homens quanto a mulheres. Contudo, ainda parecia estranho, aos olhos da sociedade, o estudo e o trabalho feminino, de modo que o público masculino se fez presente com maior ênfase nos primeiros anos de funcionamento dos cursos (Veiga, 2007; Ribeiro, 2000).

A presença da mulher nas escolas normais ocorreu de forma gradual, fruto de diversas mudanças de cunho socioeconômico no país. Alguns fatores colaboraram para o ingresso feminino na docência. Um deles estava relacionado à crescente necessidade de professores para ensinar crianças, uma vez que os homens estavam se afastando gradativamente deste cargo, em busca de melhores salários. (Louro, 1997; Veiga, 2007; Almeida, 1998). Freitas (2002) completa o argumento, alegando que a presença das mulheres no magistério público também era extremamente interessante economicamente, uma vez que a elas era pago um salário inferior àquele oferecido aos homens. Neste contexto, o ingresso das mulheres na função docente seria duplamente eficaz, já que reduziriam o gasto público e resolveria o problema da falta de professores.

De fato, a presença das mulheres, tanto nos cursos normais, quanto no mercado de trabalho, atuando na função docente, foi fruto de uma construção histórica, social, econômica e cultural, ou seja, não foi dada a

priori, mas decorreu de produções discursivas que marcaram sobremaneira o ser e agir feminino, em suas múltiplas identidades.

Muitos eram os discursos que ressaltavam a inferioridade intelectual feminina. Acreditava-se que a mulher dispunha de baixo intelecto e de uma natureza frágil, sendo, portanto, um contrassenso a contratação de mulheres para educar crianças. (Almeida, 1998; Veiga, 2007). Desta forma, a ignorância e a timidez, traços femininos no período colonial brasileiro, adentraram ao século 19 ainda com força, mas sofrendo o embate de outros argumentos que afirmavam que “as mulheres têm, por natureza, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e naturais educadoras” (Louro, 1997, p. 78) e, por isso, o ensino da infância seria sua vocação.

Desta forma, dois importantes discursos podiam ser ouvidos com maior ênfase no século 19: os que refutavam a ideia de uma mulher-professora e os que abraçavam tal intenção, se valendo de uma representação fortemente aceita e disseminada socialmente: a mulher-mãe.

Este último obteve grande aceitação social, culminando na construção da imagem da mulher-mãe-professora. Afinal, quem, além dela, poderia ensinar crianças? Quem, além do ser naturalmente criado para o exercício da maternidade, seria melhor para a educação dos pequenos? Defendia-se que a educação das crianças era um ofício que as mulheres exerciam há anos, assim, deslocá-las para o universo docente, não representaria um mal, desde que direcionado ao público infantil.

Logo, em meados do século 20, quando a inserção feminina no mercado de trabalho ainda era tímida, lecionar poderia ser a saída para as mulheres que desejavam se dedicar a outras atividades, sem precisar abandonar o lar e os filhos, já que era possível trabalhar somente meio período, recebendo um salário razoável e ainda ter tempo para cuidar da vida pessoal. Dentro deste cenário, o magistério era visto como a extensão do lar, ou seja, um desdobramento de uma atividade

naturalmente praticada, um prolongamento de educar os filhos, numa feliz combinação entre professora competente e dona de casa amorosa (Diniz, 2001; Louro, 1997; Marconato, 2002).

Louro (1997) expõe uma fala importantíssima a qual elucida este processo:

se a maternidade é, de fato, o seu destino primordial, o magistério passa a ser representado também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras cada aluno ou aluna deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. A docência assim não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. (p.78)

Os ecos no cotidiano

O fragmento acima encontra eco no seio de escolas normais, circulando no discurso de gestores, professores e alunas. A antiga Escola Complementar Duque de Caxias, primeira escola normal de Caxias do Sul, inaugurada em 1930¹, é um exemplo do quanto a representação sobre a mulher-professora foi difundida e aceita socialmente, como apontam os relatos a seguir:

Na sala do I ano, chamava a atenção os trabalhos práticos de Economia Doméstica, tais como perfumaria variada, fabricadas em aula pelas alunas, dentrífcios, amostras de ponto de lã e crochet, [...] uma proveitosa lição para futuras donas de casa e mesmo professoras, pois são raríssimas as que sabem agir com presteza e desembaraço em casos frequentes de incidentes das crianças, tais como dores repentinas, queimaduras, etc. ferimentos, sincopes. [...] infelizmente não nos foi possível realizar dois úteis e interessantes projetos para a cadeira de Economia, a criação de uma cozinha modelo, onde as alunas pudessem praticar a arte culinária e uma sessão de puericultura, que consistiria em aulas práticas de banhos, preparos de mamadeiras, vestir

¹ A escola Complementar Duque de Caxias é conhecida atualmente como Instituto Estadual Cristóvão de Mendoza. Todas as citações que se referem à Escola Normal Duque de Caxias, como atas e revistas, estão disponíveis na biblioteca desta escola. Ver <http://sites.google.com/site/cristovaodemendoza>.

e despir criancinhas, etc., utilizando para isso crianças pobres das imediações da escola.²

O texto supracitado é um segmento da correspondência expedida pela diretora da Escola Complementar Duque de Caxias, Maria Amorim, ao diretor geral da Instrução Pública de Porto Alegre, em 1933.

Outra passagem, extraída do caderno de redações das alunas do segundo ano, explicita com clareza o quanto elas percebiam-se como mães: “É a escola a segunda mãe educacionista que semeia a honra e o bem a fim de produzir o fruto que é o progresso infantil” (redação escrita por uma aluna do 2º ano em abril de 1937. Livro 250/200).

A Escola Complementar Duque de Caxias também recebia visitantes, os quais colocavam suas impressões no livro de visitas. A percepção do sujeito abaixo é mais um exemplo da representação da escola como extensão do lar:

Bom professor - daqueles que fazem da escola um prolongamento do seu próprio lar e dos alunos num prolongamento da própria família - confesso a satisfação que me proporcionou esta visita à escola Normal Duque de Caxias. (Livro de visitas, agosto de 1940)

Entretanto, há implícita na fala de educadores e alunas outra representação muito presente, conforme apresenta o trecho abaixo:

Uma das missões mais difíceis de preencher é a de educador, mas é também a mais bela, mais nobre e necessária [...]. O educador deve ser carinhoso, saber transmitir o conhecimento e fazê-lo com entusiasmo, possuir ardor e verdadeira dedicação para com o ensino. (Revista Centelha, maio de 1933. Aluna II ano)

Esta dedicação a que refere o trecho acima possui raízes históricas vinculadas à docência masculina. No período da Idade Média, a função docente era compreendida como um dom divino. Somente monges,

² Ata da Escola Complementar Duque de Caxias de 1933, onde consta a cópia dos relatórios encaminhados anualmente para Porto Alegre. O trecho está registrado na página 85.

bispos e sacerdotes poderiam ensinar. O conhecimento estava sob o poder da Igreja, o que levava a forte representação do ensino como missão sagrada. Assim, o professor assumiu o papel de intermediário de Deus junto aos alunos, devendo ser aplicado, paciente e ter amor ao ensino, dedicando-se completamente à função, a qual seria sua vocação (Kreutz, 2004).

Campos (2002) relata um desabafo do presidente da Província de São Paulo, em 1873, o qual ilustra perfeitamente a aproximação do papel docente com o sacerdócio. Neste, o então presidente relaciona o aumento no número de escolas normais no país a uma competição entre Estados e afirma que “o professorado se rebaixou ao ponto de não ser mais um sacerdócio e sim exclusivamente um gênero de vida, uma indústria e um comércio” (p. 22).

Desta forma, as professoras de outrora iniciaram sua vida docente acreditando que poderiam exercê-la por apresentar em seu comportamento as características necessárias para o bom desempenho da função, afinal, foram cunhadas por Deus para as tarefas que a sociedade esperava delas. Ser dona de casa, mãe e professora não diferiam em demasia. Assim, a escolha pela docência significou a escolha por uma profissão que não desvirtuaria sua condição natural, que não usurparia da sociedade a mãe de família, aquela responsável pela educação das futuras gerações, apenas a deslocaria para outro espaço, tão importante quanto, como numa extensão do próprio lar.

Representações que perpassam o tempo

Caminhar até as professoras foi, antes de tudo, uma forma de demonstrar o respeito que temos por elas, bem como pelo universo no qual escolheram atuar. Na medida em que nos disponibilizamos a ouvi-las, deixamos clara a mensagem de que são importantes. Estas professoras, em conjunto com as que vieram antes delas, são escritoras da história. Caminham diuturnamente com um livro embaixo do braço e

um lápis na mão, redigindo suas histórias e, por conseguinte, as histórias dos espaços em que transitam.

Iniciamos agora uma viagem pelas falas das mulheres-professoras. São narrativas que nos levam por caminhos cujo destino ancora nas representações que estas docentes têm sobre sua função, denunciando como sentem e pensam o trabalho que exercem na educação de crianças pequenas.

Nesse sentido, seis professoras atuantes numa Escola de Educação Infantil da Cidade de Caxias do Sul/RS nos acompanharam nessa viagem, todas formadas no magistério/curso normal, tendo entre seis meses e cinco anos de experiência em docência para crianças.

Para coletar as informações necessárias, a fim de atingir o objetivo proposto neste trabalho, escolhemos a entrevista grupal em forma de grupos de discussão, orientando-as que respondessem a seguinte pergunta: o que é ser professora para você? Vale salientar que este formato possibilita a troca de vivências e idéias, o estímulo à criatividade e a emergência de divergências possíveis de serem aproveitadas para novas discussões e esclarecimentos, possibilitando mobilizar o corpo docente a uma reflexão crítica a respeito de suas representações e atuação (Gaskell, 2002).

Foi necessário um encontro de duas horas para que a discussão transcorresse, alcançando, assim, o objetivo proposto. Conforme Ressel *et al* (2008), o número de sessões depende do primeiro encontro, pois quando os grupos não são capazes de produzir novidades nas suas discussões, é sinal de que se conseguiu mapear o tema para o qual a pesquisa foi dirigida, não sendo necessário, portanto, um segundo momento. Vale destacar que o encontro foi gravado e o compromisso com o sigilo pontuado.

Ser professora é

Observamos que as colocações proferidas assemelhavam-se bastante com os relatos históricos, apresentando um tipo de professora

identificada claramente com a maternidade, sendo a docência sua missão de vida:

Acredito que a professora deve saber ensinar bem, e na educação das crianças o mais importante é sua atitude. Deve ser de muito amor, de muito carinho, de dedicação, porque eles precisam. Devem ser muitas vezes mães. (Professora A, 9 meses de trabalho)

Ser professora é vocação, precisa querer muito, gostar. É uma bela missão que escolhi e sou feliz [...]. Somos mães, amigas, professoras. (Professora B, 1 ano e 8 meses de trabalho)

Escolhi ser professora por amar as crianças, acho que elas são o futuro mesmo, e por isso o professor tem uma missão muito importante. Acho que ser professor é isso, ensinar as crianças o valor. Assim como a família educa, o professor também deve educar, nesta idade, é como se a escola fosse uma segunda família e a gente um pouco mãe. (Professora E, 3 anos de trabalho na escola)

Os trechos citados poderiam ser datados de 1940, tamanha a similaridade com aqueles apresentados na primeira parte deste estudo. O relato de uma professora, atuante há seis meses na escola, explica em que momento ela se sente mãe e em qual sente-se docente:

eu me sinto as vezes mãe e as vezes professora. Quando a gente dá banho, limpa, arruma as crianças nós somos mais mães, porque estamos fazendo o que as mães fazem, mas quando a gente ensina, dá trabalhinho...aí somos mais profe. Então as vezes me sinto as duas coisas, um pouco mãe, um pouco professora. (Professora D)

Esta docente utiliza em diversos momentos o termo “a gente”, como se ela não fosse a única a se sentir assim, como se as percepções fossem divididas, criando um elo entre elas, uma identidade.

De acordo com Woodward (2000), Hall (2002) e Pesavento (2008), a identidade produz uma sensação de pertencimento a um dado grupo social, a partir do reconhecimento de analogias e divergências, fornecendo a coesão grupal e articulando uma percepção sobre o mundo.

Assim, a identidade é sempre construída, nunca pronta e acabada, ocorrendo de forma relacional, uma vez que só existe na alteridade de um outro.

É interessante destacar que, mesmo sendo uma construção simbólica de sentido, em alguns momentos a identidade é percebida como essência, fundamentada no biológico, como no caso da maternidade. Acreditava-se que o simples fato de gestar uma criança já conferiria à mulher certos saberes relacionados ao cuidado e educação, bem como sentimentos de amor incondicional.

Entretanto, conceber uma identidade fixa significa negar todo um processo de construção histórica, permeado por multiplicidades e contradições, ao passo que assumir a identidade como fluída e mutável é assumir a mobilidade sociocultural, ou seja, é possível construir, desconstruir e reconstruir.

Outro termo que chama atenção é “um pouco”: “um pouco mãe, um pouco professora”, ou seja, esta não se percebe inteira no desempenho de seu papel profissional, ela é um ser dividido, um ser pela metade, nem completamente mãe, nem totalmente professora, gerando grande confusão no desempenho de seu papel, e, por conseguinte sofrimento, como aponta o relato de uma professora há 5 anos na função:

não é fácil ser professora, é um trabalho de amor, dedicação e isso exige muito de nós. Ficamos cansadas, estressadas, sem saber o que fazer em alguns momentos; quando impor limites? Quando castigar? Mas tudo vale a pena quando estamos com as crianças e é por elas que permaneço. (Professora F)

Essa tríade: docência, maternidade e vocação, já era explicitada na década de 30 do século 20. Na Oração do Mestre de Gabriela Mistral, publicado em 1933 em jornais e revistas da cidade de Belo Horizonte/MG, podemos observar ambas as representações associadas: sacerdócio e maternidade conjugadas com a função docente.

Senhor! Tu que ensinaste, perdoe que eu ensine e que eu tenha o nome de Mestre que tivestes na terra. Dá-me que eu seja mais mãe do que as mães, para poder amar e defender, como as mães, o que não é carne da minha carne. (Lopes, 2001, p. 46)

Esta representação de docência enquanto vocação considera o trabalho docente uma missão sagrada, sendo o professor o “mediador de Deus juntos aos alunos e à comunidade”, o qual deveria demonstrar “aplicação e vontade de ensinar, paciência e verdadeiro amor aos alunos” (Kreutz, 2004, p. 160).

Todavia, vale lembrar que a representação sobre a docência como vocação foi direcionada ao público masculino ligado à Igreja. Como o sacerdócio não era permitido ao público feminino, houve um movimento de agregar a já representada função docente, o estereótipo de mãe enquanto sujeito dotado da natural missão de educar crianças, já que tem a atribuição inata, e divina, de gerá-las. Assim, o discurso de que a mulher seria a educadora natural de crianças difundiu-se largamente em conjunto com a idéia de bondade, amor, dedicação e paciência, já presente nas representações anteriores. Em suma, a representação do magistério feminino estava no âmbito da vocação e da maternidade.

Professora e mãe, duas funções sagradas que se cruzam na ação de educar. Encontram-se no amor, no sofrimento e também nas dúvidas. “Sem saber o que fazer”, diz a docente F. Espera-se que a aluna, ao término do magistério, seja capaz de pensar soluções para os desafios diários, afinal, foi para “saber o que fazer” que ingressou no curso de formação. Onde provêm estas dúvidas? O que os cursos de magistério não alcançam?

Perrenoud (1993) e Andaló (1995) afirmam que a função docente é uma função relacional e, portanto, não basta o conhecimento teórico para construir um bom professor. Faz-se necessário refletir sobre suas dimensões subjetiva, social e cultural, já que este sujeito, quando senta nos bancos escolares de um curso de formação, leva consigo

representações construídas culturalmente sobre o que é ser professor e como ensinar. Concepções estas, adquiridas de forma não reflexiva, escapando a crítica e convertendo-se em um verdadeiro obstáculo à sua formação profissional.

É importante ressaltar que os discursos difundidos historicamente sobre o papel docente na educação de crianças, não são simplesmente reflexos da realidade social, mas podem ser instrumentos de constituição e transformação desta realidade. Hall apud Wortmamm (2002) destaca que

um discurso jamais consiste em uma declaração, um texto, uma ação ou uma fonte. [...] o discurso aparece ao longo de uma cadeia de textos, e como forma de conduta, em um conjunto de locais institucionais da sociedade. (p. 85)

Neste sentido, os discursos atuam fundamentalmente na produção de práticas sociais. Assim, é possível aferir que os discursos difundidos acerca do papel docente influenciam e até constroem formas de ser e agir da professora de crianças pequenas.

Autores como Zanella (1999) e Diniz (2001), afirmam que a gama de representações acerca do papel docente, em especial quando se trata da interposição deste com o papel materno, é bastante prejudicial a prática pedagógica, na medida em que contribui para uma desprofissionalização da função, descaracterizando o magistério como profissão e reforçando-o como um espaço para quem demonstrasse vocação e capacidade maternal.

Em consonância, Gonçalves (1996) e Zanella (1999) afirmam que esta mescla entre maternidade e educação pode estimular nas professoras um sentimento de ambigüidade em relação ao estudante, variando entre a raiva e o amor, já que, ao olhá-lo como professora, percebe que este não corresponde ao ideal de estudante, educado e disciplinado e, ao observá-lo como mãe, sente que o mesmo deve ser protegido, formando, assim, uma relação de dependência (Gonçalves, 1996; Zanella, 1999).

As queixas, muito freqüentes na fala destas e outras professoras, são fruto desta relação e contribuem para tornar a pessoa impotente e paralisada diante de uma mudança de postura, convertendo-se num mal estar ao que Freud chama de mal estar docente. O conflito apresenta-se entre o que a professora acredita como ideal pedagógico, traduzido no domínio da criança e seu desenvolvimento, e a realidade vivida. Deste modo, a professora adentra a escola munida do desejo de alcançar seu ideal, de ter alunos quietos, comportados, obedientes e, ao perceber que não consegue, frustra-se, podendo gerar sintomas físicos e psíquicos, principalmente quando o conflito não pode ser manifesto no ambiente educacional, uma vez que este tem como característica apaziguar tensões e não explicitá-las (Diniz, 2001).

Como forma de amenizar os conflitos existentes na função docente, ajudando as professoras a vivenciarem sua inteireza profissional de maneira consciente, Andaló (1995) e Diniz (2001) alegam ser fundamental que a professora reflita sobre as representações que lhe são atribuídas pelo grupo cultural, utilizando espaços de discussão, onde possam questionar sua forma de ser e agir e ao mesmo tempo, desabafar medos, angústias, dúvidas e incertezas sobre “esta função tão nobre e importante, mas também tão difícil de ser cumprida” (professora C, 4 anos na função).

Considerações finais

As professoras pesquisadas representam uma parcela de um campo educacional brasileiro que é eminentemente formado por mulheres. São mulheres que ingressaram na vida docente por diversos motivos, alguns coincidentes, outros nem tanto, contudo são partícipes de uma mesma cultura, sendo constituintes e constituídas por ela. São seres sociais dotadas de emoção, desejos, sonhos e frustrações.

São mulheres com histórias pessoais que precisam reconhecer sua configuração profissional em sua trajetória cultural. Quem sou? Porque escolhi ser professora? O que é ser professora? O que a cultura

preconiza como verdade é minha verdade? O que tem de mim e do outro em meu discurso? Que conflitos vivencio? De onde eles vêm? Questões que necessitam ser abordadas como uma maneira da mulher reconhecer-se, compreender-se e atuar frente a sua profissão de uma forma mais completa, identificando fusões e confusões no desempenho de seu papel profissional.

Contudo, tal busca subjetiva necessita vir acompanhada de uma profunda reflexão acerca de sua postura pedagógica. Não basta amar o que faz se não souber o que fazer. Portanto, leituras seguidas de discussões em grupo, especialmente relacionando-as com sua prática, traduzem-se em um suporte fundamental quando se pretende trabalhar o conflito de papéis.

Tornar-se ciente sobre si, seu grupo social, sua historicidade e o trabalho docente são passos importantes para amenizar o conflito existente na função de professora, abrindo portas para uma atuação profissional onde a mulher sairia da posição de vítima frente a uma exigência sócio-cultural e passaria a protagonista de sua história, revendo conceitos e questionando certezas, para, então, agir pautada em escolhas refletidas, pontuando um limite claro: até aqui sou mãe; daqui para frente sou professora.

Sendo assim, através da atividade desenvolvida nesta escola, fica clara a complexidade existente entre a mulher-professora e o trabalho pedagógico. Contudo, mais pesquisas necessitam ser realizadas em escolas públicas e particulares promovendo futuras discussões a respeito desta temática.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e educação: paixão pelo possível*. São Paulo: Unesp, 1998.

ANDALÓ, Carmen Sílvia de Arruda. *Fala professora! Repensando o aperfeiçoamento docente*. Petrópolis: Vozes, 1995.

DINIZ, Margareth. Do que sofrem as mulheres professoras? In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BRAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONÇALVES, Marlene F. Carvalho. Se a professora me visse voando ia me por de castigo: a representação da escola feita por alunos de pré-escola da periferia. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. *Educação infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Da normalista-espera-marido ao exercício profissional no magistério: trajetórias de ex-alunas do Instituto de Educação Rui Barbosa. In: CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da (orgs.). *Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente*. Bragança Paulista: USF, 2002.

KREUTZ, Lúcio. *Professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Pelotas: Seiva, 2004

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Da sagrada missão pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESAVENTO, SANDRA Jatahy. Representações. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh/Contexto, v. 15, n. 29, 1995.

RESSEL, Lúcia Beatriz; BECK, Carmem Lúcia Colomé; GUALDA, Dulce Maria Rosa et al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto & Contexto*, v. 17, n. 4, Florianópolis out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-7072008000400021&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 2 maio, 2010.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007.

WORTMANN, Maria Lúcia C. Análises culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.).

Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ZANELLA, Andréa Vieira; CORD, Denise. Tia, o Tônico me bateu! Considerações sobre a violência infantil no contexto da creche. *Revista Educação, Subjetividade e Poder.* Porto Alegre, v. 6, n. 6, ago. 1999.

MILENA CRISTINA ARAGÃO é professora da Faculdade Estácio de Sá - Fase/SE. Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul/RS. Centra suas pesquisas nos processos de feminização do magistério, infância e formação de professores, com foco nas práticas e representações sobre a docência, tendo como apoio pressupostos da história cultural.

Endereço: Rua Jornalista Paulo Costa, 577 - 49037-340 - Aracaju - SE.

E-mail: mi.aragao@yahoo.com.br.

LÚCIO KREUTZ é professor na Universidade de Caxias do Sul/RS. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisador CNPq, centra suas pesquisas nos processos escolares de imigrantes, com foco nos imigrantes alemães, especialmente no Rio Grande do Sul.

Endereço: Rua Epifânio Fogaça, 430 - 93022-620 - São Leopoldo - RS.

E-mail: lkreutz@terra.com.br.

Recebido em 17 de junho de 2010.

Aceito em 12 de dezembro de 2010.